Paulo: o evangelizador se evangeliza

No 8º Encontro Intereclesial das CEBs ocorreu um fato que causou tensão e perplexidade e logo tomou o nome de *incidente sagrado*. O tema do encontro era: Evangelização e Cultura, e o lema era: O povo de Deus renascendo das culturas oprimidas. Além de evangélicos já presentes em encontros anteriores, desta vez também lá estavam uma mãe-de-santo, dois pais-de-santo e um pajé, em função do tema, é óbvio. Logo no início dos trabalhos, no bloco onde se estudava a cultura negra, surgiu uma queixa pelo fato de os pais e mãe-de-santo e o pajé não terem sido convidados a se colocarem próximos ao altar como tinha acontecido com os pastores e pastoras evangélicos, na missa de abertura do encontro. O tumor vazou, quando, numa grande reunião plenária, eram apresentados os 98 bispos presentes ao encontro. Os pastores e pastoras foram também convidados a se apresentarem, não porém os líderes religiosos negros e indígenas. Uma mulher negra chegou ao microfone e reclamou sua presença. Após considerações teológicas e canônicas, não foi atendida. A platéia, que a tinha aplaudido intensamente, ficou frustrada e o clima tenso, as cabeças fervilhando. Mais tarde, assessorando os trabalhos do bloco dos negros, Clodovis Boff disse que se se tratasse de questões políticas ou socioeconômicas seria fácil ter-se uma resposta, mas a questão da cultura é nova e as respostas ainda devem ser procuradas. Evidentemente os debates nos grupos e plenários ajudaram, na seqüência dos trabalhos do encontro, a clarear um pouco mais o problema. Espero que a questão possa também iluminar este artigo, que já estava esboçado quando da minha presença no intereclesial.

* * *

Paulo não se converteu de um sistema fechado de convicções, o farisaímo, para um outro sistema fechado. Ao contrário, após se converter, ele permaneceu sempre aberto a novas revelações ou descobertas, aceitando na prática

ser evangelizado pelas novas realidades, especialmente as diferentes realidades culturais. Paulo jamais teve a postura triunfalista do evangelizador que se vê senhor da verdade total e absoluta.

É isso o que vamos tentar investigar nas suas cartas de autoria inconteste. Os Atos dos Apóstolos poderão entrar como fonte auxiliar, onde confirmam o que se pode depreender das cartas.

Certamente vale a pena, até para a gente se colocar dentro do estado de espírito com que Paulo evangelizava, lembrar o paralelo que faz Yves Saoût[1] entre a evangelização comandada pela "Propaganda Fide" e a evangelização inicial. Enquanto a evangelização dos nossos tempos partia ou parte do país rico, colonialista e opressor para as nações pobres, periféricas e exploradas, a evangelização descrita nos Atos dos Apóstolos fez o trajeto inverso: partiu da nação periférica, colonizada, oprimida e pobre para as grandes cidades, até chegar ao centro do império mundial. Além do mais, enquanto na atual evangelização os missionários do Primeiro Mundo levam, com a sua cultura, também os recursos econômicos e científicos para melhorar a vida dos colonizados evangelizandos, na primitiva evangelização as novas comunidades das grandes metrópoles do império, os recém-evangelizados, é que recolheram ajuda econômica para os "pobres" da Igreja-mãe.

A CONVERSÃO RADICAL

As três narrativas dos Atos dos Apóstolos (At 9,1-19; 22,6-16; 26,12-18) têm em comum que Paulo estava perseguindo os discípulos, que viu uma luz mais forte que o sol do meio-dia, ficou cego, ouviu uma voz que só ele entendeu e depois recuperou a visão. O próprio Paulo, porém, em suas cartas não desce a esses detalhes. Falando de seu apostolado (ele não se converteu de perseguidor em discípulo, mas de perseguidor em apóstolo), em 1Cor 15,8 refere-se a uma visão de Jesus ressuscitado, semelhante às de Pedro e dos outros Apóstolos. Em Gl 1,12.16 fala de uma revelação de Jesus Cristo. Em 2Cor 5,16.17s diz: Agora vejo o Cristo de maneira diferente. Há uma nova criação, uma nova ordem (reconciliação).

Na defesa do seu ministério (1Cor 15,8-10; 2Cor 11,21-23) ou na luta aberta contra os judaizantes (Fl 3,4-6; Gl 1,13-14; 2,15.19) Paulo faz questão de lembrar que é judeu, filho de judeus, e que foi fariseu dos mais observantes. Pela sua fidelidade ao farisaísmo é que perseguia os discípulos (Gl 1,13-14).

Os fariseus, assim como os apocalípticos e em particular os essênios, estão em continuidade ao movimento dos assideus[2]. Há divergência quanto à época da separação em movimentos diferentes, mas isso importa pouco ao nosso caso. Fariseu pode significar "separado" não apenas dos *'am ha'arets* impuros, mas também das outras correntes (apocalípticos em geral e essênios) do movimento assideu. Para os apocalípticos comuns ou de observância estrita como os essênios, vem o messias (ou veio) trazendo novas revelações de Deus. São hipócritas os fariseus que negam essas novas revelações dos tempos finais e

1. SAOÛT, Y. *Atos dos Apóstolos: ação libertadora*. São Paulo, Paulinas, 1991, p. 25.

2. SCHUBERT, K. *Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária*. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 24.

tentam acomodar a lei escrita ou oral às diferentes circunstâncias da vida. Foi a casuística dos fariseus que lhes granjeou já da parte dos essênios e outros apocalípticos a pecha de hipócritas. Para o fariseu não há salvação a não ser na lei. A profecia já terminou e não volta, pelo menos tão breve. Na lei (escrita ou oral) está a revelação definitiva de Deus. A casuística acomoda a lei às diferentes circunstâncias da vida, mas não há novas revelações, nem são de se esperar[3].

A grande bandeira do farisaísmo parece, pois, ter sido a negação de uma possível revelação messiânica dos tempos do fim. Como, porém, vinha crescendo assustadoramente o grupo seguidor de um messias inculto, líder de um movimento apocalíptico popular e condenado à cruz, não restava alternativa ao fariseu convicto e observante, senão perseguir e tentar arrasar esse grupo. Foi o que fez Paulo, fariseu. Aceitar um messias e um messias crucificado era a blasfêmia das blasfêmias! Por isso, ele perseguiu esse grupo *kath' hyperbolén*, fora de propósito, extremadamente (Gl 1,13).

"Pela lei morri para a lei" (Gl 2,19). Empunhando essa bandeira, combatendo pela lei até o extremo, como um elástico que vai se esticando cada vez mais, Paulo vê o próprio extremismo revelar a sua irracionalidade. O elástico se arrebenta e ele "cai do cavalo". Evidentemente que quanto mais perseguia o grupo tão frágil e seguidor do messias crucificado, mais Paulo deve ter refletido sobre a possibilidade de ele estar errado e aquele correto. Mas foi exatamente o seu zelo pela lei que o fez morrer para a lei. Os que "eram apóstolos antes dele", Pedro, Tiago, não eram fariseus, e por isso não morreram para a lei da mesma forma, não experimentaram a mesma ruptura que Paulo.

Paulo teria sido mesmo discípulo de Gamaliel como insistem em dizer os Atos dos Apóstolos? Pelo fato de o próprio Paulo dizer que antes da sua ida a Jerusalém, três anos depois da conversão, as comunidades da Judéia não o conheciam de vista, apenas de ouvir falar, muitos acham que não (Gl 1,22-23). Se, contudo, estudou com Gamaliel, poderia o mestre ter influído sobre ele, deixando-lhe aquela dúvida ou uma ponta de simpatia pelo novo caminho?

"Morri para a lei". A grande mudança foi exatamente essa. Na lei estava a revelação acabada; na lei tudo estava resolvido; tudo estava estabelecido, pronto, definido. A tradição dos pais, a casuística dos rabinos, a observância estrita das leis de pureza, todos esses grandes valores da cultura judaica, a partir de então, tornaram-se um "entulho" a ser jogado fora (Fl 3,7). No Messias Jesus, que desconcerta e joga abaixo todos os antigos critérios e certezas absolutas, está o caminho para se descobrirem as novas revelações de Deus. Tudo se cria novamente. Começa um novo ato de criar (*ktísis*: 2Cor 5,17; Gl 6,15). A lei, conforme explica D. Patte, significava um sistema fechado de convicções; considerava-se perfeita, completa, com respostas para todas as situações e especialmente para as questões fundamentais. Ao mesmo tempo, porém, exigia submissão total e cega. O sentido da vida (salvação) estava condicionado a uma verdadeira escravidão. A lei projetava um sistema idólatra, discriminatório e opressor. A lei faz dos seus exclusivos intérpretes autorizados, homens fortes e opressores sob todos os aspectos (2Cor 11,19-21). Morrendo para a lei, Paulo morreu com Cristo (Gl 2,19), condenado pela lei (Gl 3,13). A maldição tornou-se bênção. Morreu a cultura que amaldiçoava e matou Jesus.

3. *Id., ibid.*, p. 27.

O que descrevemos da conversão de Paulo certamente não ocorreu de uma só vez. Baseamo-nos no que ele escreveu vinte anos depois. Vamos agora tentar segui-lo, buscando garimpar suas novas descobertas naquilo que ele próprio escreveu. Paulo agora não é mais um fariseu, com todas as respostas prontas. Está aberto ao que Deus há de lhe dizer através dos fatos, deixa-se guiar pelo Espírito (Gl 5,16.25).

A descoberta original de que o afirmar que Jesus é o Messias rompe as cadeias do sistema farisaico, é dele, muito dele. No ato da sua conversão, Paulo já se sentiu chamado a anunciar o Messias Jesus aos gentios "sem lei". Por isso, sem consultar ninguém e sem subir a Jerusalém para buscar uma autorização ou aprovação dos "colunas", começou a pregar aos não-judeus (Gl 1,15-17).

Sua pregação na Arábia, ou reino nabateu, provocou as iras de Aretas IV, a quem Calígula arrendara a cidade de Damasco[4]. Por que a pregação de Paulo incomodava os detentores do poder político, não se sabe. Talvez a pregação messiânica, o anúncio de uma nova era a partir de um Messias pobre e crucificado alimentasse a esperança e os desejos de mudança das classes mais sofridas da sociedade. Paulo seria um agitador. Por isso foi perseguido pelo poder político e teve de sair da cidade descido em um cesto por uma janela que dava para o lado de fora das muralhas[5]. Em 2Cor 11,32-33 ele narra o fato como prova da autenticidade do "seu Evangelho" em contraste com os "superapóstolos" que tentavam desmoralizá-lo em Corinto. É um título de fraqueza a comprovar que ele é mais ministro de Cristo que os tais "superapóstolos".

DA PARUSIA À CRUZ

Após ter saído de Tessalônica em meio a contradições e grandes dificuldades, Paulo ficou sozinho em Atenas, enquanto Timóteo e Silvano voltavam a Tessalônica para saber notícias da comunidade. Segundo os Atos dos Apóstolos, Paulo terá feito aí um discurso extremamente elaborado (o artigo de A. Antoniazzi o analisa), que teria redundado em grande fracasso. De Atenas Paulo seguiu para Corinto. Mesmo não considerando o que de maneira patentemente artificial narram os Atos, faltava-lhe sem dúvida um pouco de ânimo na luta pelo Evangelho (1Ts 3,8). Foram as boas notícias que lhe chegaram de Tessalônica que lhe reacenderam o entusiasmo. O evangelho (boa notícia, *'euaggelisaménou*) de Tessalônica deu nova vida a Paulo (1Ts 3,6-8).

Como terá sido a evangelização de Tessalônica (A) e como as boas notícias da comunidade terão reanimado Paulo (B)?

A - 1) Paulo evangelizador leva uma mensagem totalmente desvinculada da cultura judaica. As recomendações que deu aos tessalonicenses (4,1-12) são de ética sexual, em geral frouxa no mundo gentio, e contra a competição e a cupidez de lucro às custas do irmão. Quanto à solidariedade fraterna, ele se diz dispensado de insistir. Nada disso é específico da cultura judaica, embora a frouxidão moral do gentio devesse escandalizar o judeu. O que Paulo levou aos tessalonicenses foi apenas o Messias pobre e crucificado. O que destaca neles é

4. ABEL, F.-M. *Histoire de la Palestine*. Vol. I, Paris, J. Gabalda, 1952, p. 450.

5. Os Atos dos Apóstolos dão outra explicação ao fato, dentro da sua perspectiva: despolitização e resistência dos judeus à fé.

a sua fé, o saberem-se no mesmo caminho de Jesus: na fidelidade à Palavra de Deus, na perseguição e na intervenção de Deus em seu favor manifestada na alegria com que acolheram a Palavra em meio a perseguições. O importante foi verem na sua própria experiência uma reedição do que aconteceu com Jesus (fidelidade, morte e ressurreição). A lembrança das comunidades da Judéia e mesmo dos profetas do Antigo Testamento vem apenas confirmar a fé iluminando e iluminada pela sua própria experiência. Se antes adoravam os ídolos mudos, agora converteram-se ao Deus vivo. Fizeram o mesmo que os cristãos da Judéia, que deixaram uma lei absoluta e muda (nada de novo tinha a dizer) para descobrir a surpreendente novidade e o apelo à vida do crucificado-messias.

2) A mensagem de Paulo estava integrada na cultura local.

a) A comunidade de Tessalônica era formada por escravos e trabalhadores humildes, de "profunda pobreza" (2Cor 8,2). Joel A. Ferreira já mostrou, seja em seu artigo publicado no nº 25 desta revista, seja em seu comentário a 1Ts (Coleção Comentário Bíblico, Vozes-Sinodal, 1991), como o vocabulário de Paulo nesta carta é todo tomado da dureza da vida do trabalho. Foi na convivência do trabalho que Paulo anunciou aos tessalonicenses o Messias Jesus, embora os Atos insistam no seu esquema: anúncio aos judeus, rejeição, passagem aos gentios. A comunidade de Tessalônica era de gentios e por eles (1Ts 1,14) foi perseguida. Perseguida, então, não por motivos estritamente religiosos, como se caracterizaria a perseguição vinda dos judeus. Terá sido pela fé, pela solidariedade e pela esperança trazidas aos pobres? São as características da cultura do trabalho que lhes marcam a vida cristã: a produção da fé (*érgon tes písteos*), a labuta da solidariedade (*kópos tes agápes*) e a resistência da esperança (*hypomoné tes elpídos*) (1Ts 1,3).

b) Joel A. Ferreira destaca também o culto de Cabiros, o herói popular cuja volta os pobres esperavam, mas que fora cooptado pelas classes dirigentes. Esse mito torna-se o suporte cultural para a insistência na Parusia. Senhor não é o imperador Cláudio, mas Jesus, o trabalhador crucificado, que ressuscitou e voltará para realizar a esperança dos pobres, instaurando o mundo novo. Este anúncio, exatamente por corresponder e vir a formar um certo sincretismo com o mito de Cabiros, foi aceito de maneira extraordinária em Tessalônica. A expectativa da Parusia era tal, que nem se pensou em uma possível demora. Não dava para esperar muito. Tal era a ansiedade, que os tessalonicenses já se lamentavam pelos mortos daquele breve (3, 4 meses) período, entendendo que não iriam ver a grande vitória. Foi por isso que na sua carta (1Ts 5,1-11) Paulo teve de falar sobre a data e ocasião da Parusia.

A Ressurreição, experimentada na alegria em meio às perseguições e na fé que os faz "tipos" ou modelos para outros pela Macedônia e pela Acaia, foi outro ponto chave da pregação de Paulo aos fiéis de Tessalônica. Apesar das dificuldades advindas da pobreza e das perseguições (a esperança dos pobres é sempre algo subversivo e provoca perseguições), e exatamente por isso Paulo insistiu na vitória atual da Ressurreição e na vitória final da Parusia.

B - As notícias vindas de Tessalônica através de Timóteo e Silvano evangelizam Paulo. Trazem-lhe nova disposição para continuar anunciando o crucificado-messias, dão-lhe nova vida (1Ts 3,8). Aí ele destaca a firmeza dos tessalonicenses em ter como Senhor aquele que foi um pobre marginal crucificado. Em 1,3 ele falava da produção da sua fé, da trabalheira da solidariedade

e da resistência calcada na esperança. Um povo pobre, humilde, massacrado e ainda perseguido por causa da sua esperança, porém firme em suas convicções, evangeliza o apóstolo.

Ele estava só, alguma coisa não estaria indo bem: preocupação com a comunidade onde não terminara a primeira evangelização (3,10)? solidão? algum fracasso como narram os Atos dos Apóstolos? O fato é que o missionário estava abatido. A firmeza dos "mal-evangelizados" é que o reanima! E aí ele vê de maneira mais forte o mistério da cruz, a cruz como caminho único, a pobreza, a humilhação, o trabalho sem descanso, a perseguição, o fracasso aparente, a fraqueza, o medo, o tremor, a insegurança, como avais da fidelidade ao Evangelho. Isso Paulo parece ter aprendido dos tessalonicenses.

Na *primeira aos Coríntios* Paulo vai se agarrar exatamente à cruz. O grupo dos ricos, fortes, esclarecidos, perfeitos, espirituais etc. manda-lhe uma série de perguntas por escrito, e os portadores da carta colocam-no ao par de outras questões. Depois de, na ação de graças, valorizar a auto-estima dos remetentes, Paulo começa a abordar a mentalidade de "fã-clubes", que colocava os apóstolos ou as diversas linhas pastorais em competição. A competição contradiz o Evangelho e esvazia a cruz de Cristo (1Cor 1,17).

O caminho da cruz, a humilhação suprema, perpassa toda a carta: a própria pregação de Paulo não teve a "sabedoria" que os gregos esperavam, nem se fez acompanhar de "sinais" ou milagres como gostariam os judeus (2Cor 12,12). O que era tolice para uns e escândalo (Dt 21,23) para outros, tornou-se sabedoria e força de Deus. Aqui a preocupação é menor com o resultado e maior com o caminho pelo qual se chega lá. Esse critério da cruz, da humilhação e da fraqueza, vai valer até mesmo quando Paulo defende a autenticidade do seu ministério, aqui e no final da seção (4,9s). Mais ainda, ele usa esse critério para defender os "fracos" nas diversas questões que lhe foram levadas, como a das carnes imoladas, a da celebração da Ceia, a dos "já ressuscitados" que nada mais esperavam de outra vida etc.

Por outro lado relativiza todos os valores culturais, e até mesmo sociais, no trecho (1Cor 7,17-24) incluído pela recomendação a não tentarem mudar esses valores só pelo fato de terem sido chamados à fé. Não proíbe, porém, os êxtases carismáticos, provindos sem dúvida do culto dionisíaco, mas os assimila, corrige e orienta (cap. 12–14). Nega peremptoriamente que se possa dizer que Jesus (o crucificado) é maldito, já amaldiçoado por Deus em nosso lugar, de modo a podermos viver a vida de ressuscitados sem ter de segui-lo pela cruz (12,3). Depois assimila e faz das diversas manifestações carismáticas pontes para os diversos ministérios e para a teologia da comunidade-corpo. E do corpo não deixa de tirar uma lição: o mais fraco seja o mais protegido. No capítulo 13 aponta o caminho superior a todos, e único capaz de evitar os inúmeros desvios que a mera empolgação carismática propicia. No capítulo 14 dá orientações práticas e de bom senso para essa inculturação, sem negar, porém, sua origem judaica (a posição das mulheres).

Na *carta aos Filipenses* B[6] (Fl 1,1–3,1), já na ação de graças, diz que a confirmação do Evangelho está na sua prisão. E é a comunhão dos filipenses na sua luta pelo Evangelho que há de prepará-los para a Parusia.

6. Considero que, na única canônica, temos 3 cartas aos filipenses. Em ordem cronológica: A) Bilhete

Paulo está preso – o mais provavelmente em Éfeso – "por causa do Evangelho". O curioso é que outros anunciam o Evangelho livre e ostensivamente, de maneira a desafiar Paulo (1,17). Algo havia na pregação de Paulo que incomodava as autoridades políticas que o prenderam, e isso os que pregavam insultuosamente certamente omitiam... O fato não lhe tira a alegria. Pelo contrário, foi o que melhor confirmou e trouxe progresso à sua pregação (1,12-20). É ainda a cruz que lhe garante a autenticidade.

Mais adiante (2,1-18), aconselhando os filipenses a uma profunda vida comunitária (sem competição, buscando cada qual o interesse dos outros), Paulo cita o chamado hino cristológico. Ao contrário do primeiro e de todos os adãos, Jesus não pretendeu furtar a igualdade com Deus, ao contrário, tomou o caminho da pobreza e da cruz. A partir daí foi que ele se tornou o único Senhor. Outro caminho não há.

Assim, após a euforia e apesar das dificuldades da primeira evangelização na Macedônia, quando o tom era dado pela Ressurreição e pela Parusia, agora escrevendo-lhes de Éfeso, cerca de cinco anos mais tarde, Paulo ainda está cheio de alegria e certo da vitória. O motivo, porém, da alegria e da esperança é a perseguição que sofre, é a cruz, o caminho da vitória e verdadeiro aval do Evangelho.

A QUESTÃO CULTURAL

A - Da neutralidade à condenação

Paulo anunciava o Messias Jesus sem qualquer vinculação cultural (1Cor 7,17-21). E tinha sucesso. As comunidades que fundava iam bem, mas não tinham qualquer compromisso com a cultura judaica, a lei.

Já em Corinto, porém, começaram a aparecer outros missionários diferentes de Paulo em tudo: nos métodos (não trabalhavam, eram sustentados pelos fiéis, estilo missionário judeu nas aldeias da Palestina [Mt 10], que aqui se confundia com o estilo dos filósofos cínicos) e também na pregação. A entrada desses novos missionários suscitou o espírito de competição e a formação de "fã-clubes" como os "collegia" existentes na vida da cidade. Tudo errado (1Cor 3,2-3). Os apóstolos que deveriam estar em função da comunidade, pertencer a ela (1Cor 3,22) como escravos, são transformados em ídolos (1Cor 1,12), quando devem ser os últimos (1Cor 4,9-13).

Além de se apresentarem como "superapóstolos" esses tais pregam um outro Jesus, um outro Evangelho. Paulo os chama de falsos apóstolos, satanás transfigurado em anjo de luz (2Cor 11,13-14); diz que estão escravizando os coríntios (2Cor 11,20), a quem este pregara o Evangelho livre da lei. E eram missionários cristãos judeus (2Cor 11,22-23). É de admirar a maneira agressiva como Paulo se refere a esses missionários judeu-cristãos, que talvez não estivessem fazendo mais do que "completar" a pregação de Paulo com as normas do judaísmo.

de agradecimento pela ajuda enviada, 4,10-23; B) Carta de alegria, comunhão e esperança, levada por Epafrodito, 1,1–3,1; 4,1-9; e C) Carta em defesa do seu Evangelho, 3,2-21.

Já em *Filipos* parece ter sido mais claro e ostensivo o trabalho dos judaizantes. Queriam que todos os cristãos se circuncidassem e, como bons prosélitos, seguissem as normas da lei. A circuncisão é que seria a entrada para o povo da aliança. Isso era vincular o Evangelho à cultura judaica. Paulo se insurge violentamente contra eles. Começa chamando-os de "cachorros" (3,2) e termina (3,19) dizendo que têm o seu deus no estômago (alusão às normas alimentares) e a sua glória nas partes vergonhosas (alusão à circuncisão). Chama de "confiança na carne" a busca de uma certa segurança religiosa nas práticas da lei, e se diz aquele que mais poderia, se fosse o caso, confiar na carne, pois tinha tudo o que um fariseu da mais estrita observância gostaria de ter.

Toda a cultura judaica, toda a sua religião, todas as práticas do farisaísmo, até mesmo a sua ligação com a tribo de Benjamim[7], a mais fiel à dinastia davídica, tudo para Paulo não passa de entulho a ser jogado fora. Daí a sua indignação quando eles vêm tentar recolher esse entulho, quando vêm querer impor a cultura judaica como condição para a fé.

Na *Galácia* a crise e a reação de Paulo foram mais fortes ainda. Ali Paulo tinha deixado comunidades cristãs totalmente desvinculadas da cultura judaica. Os gálatas, segundo Lagrange[8], conservavam as características culturais dos gauleses ou celtas, conquistadores daquela região. Eram extremamente curiosos e afáveis. Lagrange cita César: "É costume dos gauleses forçar os viajantes a permanecerem no lugar, mesmo contra a vontade, e perguntam a cada um o que ele terá ouvido ou de que terá sido informado a respeito de todos os assuntos. Nas cidades o povo rodeia os mercadores ambulantes, fazendo-os dizerem de onde vieram e o que têm a contar. Levados por esses fatos ou boatos, tomam as decisões mais sérias, que logo em seguida têm de reconsiderar..."[9]. Tito Lívio, também citado por Lagrange[10], os chama de "ingenia indomita", índole insubmissa, amantes da liberdade acima de tudo. A esses que o acolheram como a um mensageiro de Deus, sem lhe cuspir (Gl 4,13-14) apesar da repugnância de sua doença, Paulo pregara o Evangelho da liberdade sem qualquer adjetivo, e que eles tão bem terão compreendido.

Quando, então, missionários judeu-cristãos vão lá, exatamente onde Paulo sentia ter estabelecido o seu Evangelho (2,2) na maior pureza, e mudam a cabeça daqueles inconstantes gálatas, não é de se estranhar que a reação venha áspera e extremada. Aí, passar para o Evangelho com a lei é o mesmo que voltar à idolatria, aos encantamentos (3,1), à adoração das forças cósmicas, os "elementos do mundo", aos horóscopos e calendários, a deuses que na realidade nada são (4,8-10).

A situação provocou a mais clara e direta profissão de fé do apóstolo Paulo, a Carta aos Gálatas. A indignação não admite meios-termos ou alusões sutis, faz falar direta e claramente, tira para fora aquilo que está no mais profundo da pessoa, escancara as suas convicções íntimas. Isso fez Paulo na Carta aos Gálatas. Ele crê acima de tudo na liberdade, na criatividade, na desvinculação de qualquer esquema prévio, na eliminação de todas as bitolas,

7. E trazia o nome de Saul, a principal figura dessa tribo.
8. LAGRANGE, P.M.J. *Épitre aux Galates.* Paris, Gabalda, 1950, p. XXII.
9. *De Bello Gallico* IV, 5.
10. XXXVIII, XII, 3.

de toda receita mágica de salvação, na busca incessante, na revelação sempre nova que se encontra em Jesus Cristo. Daí a sua teologia centrada na cruz.

A cruz arrebenta com todos os esquemas: é a maldição da lei (3,13; Dt 21,23) e a fonte de toda bênção. Quem não crucifica também sua confiança em qualquer esquema ou estrutura para entrar na aventura total, está esvaziando a cruz de Cristo. Não importa quem seja. Seja mesmo a Igreja-mãe de Jerusalém, "escrava junto com os seus filhos" (4,25)[11]. Essas afirmações de Paulo nos chocam ainda hoje.

A "índole insubmissa" dos gálatas terá ajudado Paulo a entender melhor o Evangelho da liberdade ("Eu me fiz como vós", sem lei, insubmisso: 4,12); por outro lado, porém, a sua "falta de miolo" (3,1.3) o fez radicalizar. Para combater o fanatismo da lei ele terá, sem dúvida, apresentado uma caricatura dos cristãos judaizantes, e principalmente da lei, do judaísmo e do farisaímo. Hoje inúmeros autores mostram isso. Aqui basta a anotação. O grito de liberdade, porém, não ficou na garganta.

B - O valor de cada uma

Não temos informações diretas sobre o que terá acontecido após a Carta aos Gálatas. Paulo parece ter perdido a batalha. Terá perdido até a sua influência naquelas comunidades. Quando escreveu 1Cor, disse estar trabalhando a ajuda aos "santos" também na Galácia (1Cor 16,1); quando, porém, escreve aos romanos (Rm 15,25), só fala nas ajudas recebidas da Macedônia e da Acaia, sem qualquer referência aos gálatas.

Independentemente de tudo isso, ele considerava terminada a sua missão na região oriental do Mediterrâneo e pretendia agora partir para o Ocidente e chegar até a Espanha. Em Roma, não se sabe como, já havia comunidades cristãs, e aí era intenção de Paulo fazer uma parada, conhecer essas comunidades e apresentar-se a elas.

De início as comunidades romanas eram mistas de judeus e gentios. Com o decreto de expulsão em 49, os judeus tiveram de deixar a cidade. Tudo leva a crer que as comunidades continuaram apenas com o grupo de gentios, reunindo-se nas casas (Rm 16,5.11.14.15) e não mais nas sinagogas. As discussões messiânicas nas sinagogas ("Chrestos") é que teriam ocasionado a expulsão.

Agora, porém, Nero tinha revogado o decreto de Cláudio e os judeus, cristãos ou não, voltavam ao antigo lar em Roma. Os cristãos naturalmente buscavam se reintegrar nas antigas comunidades. Se por um lado os judeus desprezavam os gentios "pecadores" e "sem lei", por outro lado os gentios discriminavam e ridicularizavam os judeus ao máximo. Os judeus eram pobres ("sua mudança não passava de um saco de capim seco": Juvenal, *Sátiras*, 3,11-14) e de condição social inferior: escravos ou libertos. Até mesmo o fato de receberem alguns privilégios da parte da autoridade provocava mais ainda o anti-semitismo em Roma.

Eis a questão: Paulo quer ser bem recebido em Roma, de onde pensa seguir viagem para a Espanha. Não conhecia as comunidades romanas. Sabia

11. Paulo não está combatendo judeus, mas cristãos judeus que, pelo menos, se apresentavam como mandados de Tiago (e Pedro?).

que estavam vivendo momento de grande tensão pela reintegração dos judeus a comunidades que tinham certamente eliminado elementos culturais judaicos recebidos com a fé, e cujos membros tinham tendência a discriminar os judeus. Com a volta dos judeus estariam também chegando a Roma notícias sobre o crescimento do movimento zelota na Palestina e também sobre o que Paulo tinha escrito aos gálatas. Como estariam sendo interpretadas as suas afirmações tão agudas e radicais? Não poderiam vir a ser utilizadas pelos cristãos gentios para humilhar ou para dificultar a reintegração dos cristãos judeus que voltavam? Não poderiam temer mais confusão por causa das idéias do extremismo zelota que viriam certamente com esses judeus que retornavam?

Novos fatos e nova situação evangelizam o evangelizador. Aqui ele não vai poder mais chamar os cristãos judeus de escravos ou de cachorros, nem mesmo vai desejar que acabem se castrando, eliminando-se assim do povo de Deus. Muito menos vai dizer que o gentio, que tem a fé totalmente desvinculada da cultura judaica, é livre, é filho da promessa e deve expulsar o judaizante, o filho da escrava!

A carta que Paulo ditou ao amanuense Tércio é a carta da igualdade. Igualdade de todos no conhecimento de Deus e no pecado, igualdade na justificação pela fé, igualdade na sujeição de todos à força do pecado, igualdade na libertação pelo espírito, igualdade entre cristãos gentios, cristãos judeus e judeus em geral, igualdade a ser vivida na vida cotidiana por todos e especialmente entre fortes e fracos.

Se na evangelização da Galácia Paulo aprendeu a força da liberdade, aqui as comunidades de Roma lhe ensinam o valor da igualdade. Se no primeiro caso aprendeu (e jamais esqueceu) que o Evangelho deve estar totalmente desvinculado de uma determinada cultura, aqui aprendeu como Deus fala a cada povo através da sua cultura. E disso o judeu é o primeiro exemplo (Rm 1,16; 2.9.10).

O QUE MUDOU E O QUE FICOU

Paulo deixou-se sempre evangelizar pelos fatos e pelas pessoas. Escrevendo aos romanos disse não só estar com vontade de explicar-lhes o seu Evangelho, certamente o que tinha começado a sistematizar na carta aos gálatas, mas antes, em primeiro lugar, esperava ser reanimado pela fé dos romanos (Rm 1,12). Esperava recolher algum fruto entre eles, especialmente os gentios (v. 13), dos quais se considera devedor e aprendiz, assim como também de todos os outros (v. 14). Chega a dar a impressão de que "anunciar o Evangelho" significa aprender dos evangelizandos (v. 15 fazendo inclusão com o v. 11).

Se em cada lugar e situação Paulo estava aprendendo, então não tinha mensagem a levar, não tinha convicção de nada, conteúdo nenhum? A convicção fundamental de Paulo, a sua fé, era exatamente a da abertura, da busca, da fidelidade a Deus independentemente de qualquer esquema prévio. Era o Evangelho de Jesus Cristo, a boa notícia do Messias pobre e crucificado. A revelação de Deus se reabre com um Messias que contraria todos os critérios "bem-pensantes". Por isso é o Evangelho da abertura, da criatividade, da valorização de cada cultura e cada situação, sem idolatria de culturas, métodos, sistemas, leis ou pessoas. É a boa notícia do Deus vivo que vence a morte dos

ídolos mudos. É o Evangelho que não pode ser acorrentado a qualquer condicionamento cultural, nem ao mais sagrado dos Direitos Canônicos. É mensagem que não se identifica com nenhuma cultura, mas se encarna em todas. É a liberdade do Evangelho: a liberdade que o Evangelho tem e a liberdade que o Evangelho dá.

BIBLIOGRAFIA

PATTE, D. *Paulo, sua fé e a força do Evangelho*. São Paulo, Paulinas, 1987.

PERROT, C. *L'Épitre aux Romains*. Paris, Cerf, 1988.

LAGRANGE, M.-J. *Épitre aux Galates*. Paris, Gabalda, 1950.

BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo (II)*. São Paulo, Loyola, 1991.

SAOÛT, Y. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo, Paulinas, 1991.

FERREIRA, J.A. *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*. Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, Coleção Comentário Bíblico, 1991.

COMBLIN, J. *Epístola aos Filipenses*. Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, Coleção Comentário Bíblico, 1987.

WENGST, K. *Pax Romana*. São Paulo, Paulinas, 1991.

José Luiz Gonzaga do Prado
Caixa Postal 159
37800 Guaxupé, MG